

Futebol Soçaite

Mário Luiz Ferrari Nunes

Mediante a avaliação do Projeto Pedagógico do ano anterior (2005), a comunidade do Colégio Henri Wallon mostrou-se muito preocupada com os valores demonstrados por alguns alunos perante os seus depoimentos em sala de aula, os quais foram classificados pelos professores como consumistas e preconceituosos em relação às questões de classe e gênero. Nesse sentido, os docentes do Ciclo II do Ensino Fundamental, em reunião conjunta, entenderam como necessário trabalhar aspectos relacionados às problemáticas: consumo, preconceito social e gênero. O professor de Educação Física do 6º ano escolheu a manifestação cultural “futebol soçaite” como uma temática adequada à reflexão sobre as questões sinalizadas. A escolha deveu-se a alguns fatores constatados pelo seu mapeamento inicial. A observação do bairro constatou a presença de três áreas distintas contendo campos de areia e grama sintética, pois, o bairro em que se encontra a escola está passando por transformações urbanas que possibilitaram a construção de campos para esta prática. Vários alunos são seus usuários em função da participação nas “escolinhas de futebol” que funcionam durante o dia, enquanto o mesmo espaço é alugado aos adultos no período noturno. O professor também constatou que muitos dos pais, familiares e vizinhos frequentam estes espaços.

Como podemos observar, a partir dos levantamentos realizados pelo professor e como um texto a ser interpretado, o “soçaite” contém alguns indícios que possibilitam orientar uma leitura significativa tanto de sua prática quanto das relações que ela manifesta.

Ainda na fase de planejamento, os professores e professoras debateram os objetivos a serem alcançados, cujas finalidades direcionavam-se às representações diagnosticadas previamente. A história da modalidade; sua expansão socioeconômica, o fim dos campos de futebol de várzea e as escolinhas de futebol como fenômeno político-econômico-social; a influência do *marketing* esportivo, o esporte-consumo, a carreira de jogador de futebol, a participação da mulher nesses espaços; as formas de jogar (regras, técnicas e táticas), constituíram-se nos conteúdos de ensino selecionados, debatidos e reorientados com a participação dos/as discentes. De posse destes elementos, o professor organizou uma sequência didática para efetivação do projeto.

No encaminhamento do “Projeto Futebol Soçaite”, coube a realização de uma pesquisa histórica visando identificar seu *locus* original, os códigos culturais implícitos na sua prática e sua trajetória histórica que permitiu-lhe o reconhecimento social. O grupo descobriu que, esta modalidade teve início em partidas promovidas por pessoas da elite carioca – a “*high society*” em campos localizados no quintal de suas mansões e com a presença de alguns ex-jogadores de futebol famosos (que eram remunerados para apresentar-se) e, com isso, valorizar os encontros. Hoje, esta manifestação ocupa grande espaço no cenário das práticas corporais. Foi incorporada por outros adeptos e ressignificada como reserva de mercado. Os jogos nos quintais das elites continuam. Entretanto, sua expansão permitiu o acesso de outra parcela da população que disponibiliza recursos para pagar pela prática.

Sem dúvida, o que podemos notar é a transformação metodológica da Educação Física: de atividade que concentrava práticas corporais para um espaço rico em reflexões sobre as relações de classe social, de gênero, de consumo, em suma, uma leitura do âmbito social.

Para iniciar sua ação pedagógica, o professor acolheu os alunos/as, anunciou a temática daquele semestre e pediu-lhes que se organizassem em grupos para registrarem seus dados (os alunos/as dispõem de caderno de Educação Física). Perguntou-lhes se sabiam diferenciar o futebol soçaite, do campo e do salão. Como resposta encontrou: tamanho do campo, número de jogadores, peso e tamanho da bola, tempo de jogo e algumas respostas que variaram de poucos dados - comparação apenas entre o campo e salão até: “não sabemos o que é; nunca ouvi falar”. Chamou os alunos e as alunas para perto da lousa (localizada no pátio) e foi anotando os dados. Pediu-lhes para que cada grupo completasse seu registro com as informações dos demais colegas. Ao final, solicitou que os grupos elaborassem, para as próximas aulas, formas de organizar aquela prática no espaço da escola. Os alunos/as deveriam estar atentos ao espaço físico, número de alunos/as, tempo para organização e jogo (o professor definiu que precisaria dos dez minutos finais da aula) e regras.

Esta primeira aproximação dos alunos e alunas com a temática denominamos de etapa de socialização dos saberes e a mesma serve como avaliação diagnóstica. Além disso, este momento rompe com a organização diretiva da aula e inicia a aproximação dos/as estudantes com a leitura da manifestação, pois algumas situações foram divergentes e outras esclarecedoras para aqueles que disponibilizam de pouca ou nenhuma informação. Ressalta-se o fato do professor também fazer suas anotações a

respeito da formação dos grupos, da participação no levantamento e na atuação diante da exposição dos dados. Entre alguns resultados nota-se o equilíbrio de conhecimento entre os gêneros e a falta de informação generalizada. Ou seja, mesmo fazendo parte do patrimônio cultural da comunidade, seus conhecimentos são limitados.

No encontro seguinte, perguntou qual grupo havia elaborado o jogo. Dois grupos apresentaram-se. Definido um grupo diante de um rápido sorteio, explicaram sua proposta de jogo, abriram espaço para questionamentos e conduziram toda a atividade com a ajuda do professor. Interessante que ao permitir a organização dos alunos/as, o professor aproxima-os da situação real e, assim, abriu caminho para a participação coletiva, pois, durante a realização do projeto todos estarão sujeitos a esta situação. Antes da atividade prática, o professor solicitou uma tarefa diferenciada para cada grupo, a saber: grupo 1 - analisar a proposta apresentada perante critérios como: distribuição das equipes, adequação do tempo de jogo, organização do material, explicação; grupo 2 - comparar semelhanças e diferenças entre as regras propostas e as regras do soçaite e analisar vantagens e desvantagens; grupo 3 - organização coletiva de cada equipe; grupo 4 - cumprimento das regras por parte dos jogadores/as e a forma como resolviam as dúvidas (na proposta daquele grupo não havia arbitragem); grupo 5 - dificuldades gerais de compreensão do jogo ou execução.

A distribuição das equipes não seguiu a organização dos grupos do primeiro encontro. Como a escolha dos times é de cada grupo, o professor não poderia interferir nesse processo. Assim, em alguns momentos, havia alunos/as de um grupo jogando enquanto outros realizavam a tarefa solicitada. Esta dinâmica permitiu também que aquele que estava impossibilitado de exercer a prática por qualquer motivo não fosse excluído do processo de aprendizagem, pois, retomando, a função social do componente não é promover a aprendizagem das técnicas do soçaite, mas fazer uma leitura crítica da manifestação.

Ao término da aula, o professor abriu espaço para que cada grupo declarasse seus apontamentos. Nota-se aqui mais um passo em direção ao pensamento crítico. Os alunos/as lentamente vão desenvolvendo essa capacidade. Há o momento inicial para alguns de mera contemplação. Muitas coisas são imperceptíveis e não podem ser decodificadas. O exercício proposto permite focalizar o olhar em algumas coisas, para uma posterior análise.

Os questionamentos e sugestões apresentados abriram campo para o professor indagá-los quanto à necessidade de conhecer melhor certos aspectos da prática corporal

foco da temática. O resultado unânime ressaltado foram as regras do soçaite. Isto posto, o professor anotou na lousa um trabalho para o próximo encontro: as regras do futebol soçaite a partir de duas perguntas que os/as alunos/as deveriam formular tencionando saber se os/as praticantes conheciam as regras. Neste caso o professor não fez a pergunta, mas, direcionando para a construção pessoal, indicou o objetivo. Para tal direcionou uma tarefa específica para cada grupo: a realização de uma entrevista com os praticantes que os alunos pudessem conhecer (familiares, vizinhos etc.), com praticantes de outra modalidade de futebol; com os professores da escolinha de futebol que frequentavam; com as mulheres que conhecessem e que gostassem de futebol; com praticantes de futebol mas que nunca ou pouco jogaram soçaite; ou a realização de uma busca em sites específicos (direcionados pelo professor) a respeito das regras. O professor explicou o que era uma entrevista de estrutura aberta, sugeriu algumas questões e pediu sugestões, anotando-as no quadro. Posteriormente, todos/as copiaram as questões. Ficou combinado que no próximo encontro seriam apresentados os dados coletados aos amigos visando a comparação de resultados.

Ressalta-se aqui o momento de resignificação dos significados culturais. A prática do futebol soçaite, vivenciada em seu espaço original apresenta códigos e significados que diferem da vivência nas aulas do componente. Isto quer dizer que “trazer” o futebol soçaite para dentro da escola necessita de um processo de adaptação da prática à situação escolar, logo, a aula não é um espaço da reprodução cultural. Ampliando a questão, podemos dizer que este é um momento para os alunos/as perceberem a possibilidade da ação não homogeneizante, perceber a plasticidade da produção cultural. A função do professor/a neste momento é aproximar os alunos/as desta possibilidade de ação contra- hegemônica.

Fundamental reforçarmos que a leitura e a escrita aqui propostas não são objetos de estudo da Educação Física, mas conteúdos de ensino necessários para o processo tanto dos alunos/as, que podem acessar informações, produzir críticas etc., quanto para os professores/as que podem fazer uso destas produções para observar indícios necessários, avaliar seu trabalho e o aprendizado dos alunos/as. Por outro lado, o sujeito crítico é aquele que investiga, que questiona, que cria. Nesta direção, outros textos verbais e não-verbais como narrativas, filmes, fotos, reportagens etc. podem ser utilizados para proporcionar uma leitura ampla dos contextos culturais tematizados.

A realização das entrevistas apresentou elementos bem interessantes. A partir de uma breve apresentação das regras oficiais por parte do grupo que acessou à internet e a

comparação destas com as entrevistas, os alunos/as perceberam a pouca compreensão em alguns casos e, em outros, o total desconhecimento das regras por parte do público entrevistado. Observaram, também, uma forte referência ao emprego de regras combinadas entre os participantes. Esse fato fez com que outros grupos melhorassem a formulação das suas regras, além de reforçar a ideia de participação democrática e construção coletiva.

Um dos dados que apareceu nas entrevistas e foi valorizado pelo professor e utilizado para questionar os alunos a respeito de outro problema recorrente na aula foi a descoberta que a prática dessa modalidade acontece quase que exclusivamente por grupos masculinos. Salvo raríssimas exceções, há duas ou três meninas frequentando algumas aulas nas escolinhas. O professor propôs aos alunos que tentassem desvendar essa questão. Encontrar uma explicação para o fato.

O professor retomou a história da modalidade já conhecida por parte dos alunos, mas desta vez, de forma aprofundada e escrita - retirada de uma pesquisa por ele realizada na internet. Antes de entregar o texto aos alunos/as perguntou-lhes quem se recordava da história da modalidade. Houve muita brincadeira e opiniões diversas. Após a leitura do texto, alguns alunos/as manifestaram-se em relação ao fato. A maioria colocou-se criticamente em relação à sua gênese e uma aluna chegou a compará-la com o “*apartheid*”. Muitos não sabiam do que se tratava o comentário e o professor pediu à aluna que explicasse para o restante da classe. Após esta opinião, outros disseram que era mais uma forma de esconder o preconceito social em relação aos pobres ou o preconceito contra as mulheres. Outros alunos – que por sinal eram frequentadores do espaço – defenderam que isso era um fato isolado, pois, hoje, todos podiam jogar sozinhos. O professor perguntou quanto eles pagavam para jogar e se isso era possível para todos e quantas mulheres eles conheciam que jogavam com eles e como eles. O debate “ferveu” evidenciando pensamentos sociais diferentes entre os alunos/as. Aqui se abre espaço para um fato interessante: a união de pessoas tidas como distantes em torno de uma ideia, uma política de identidade.

A fim de ampliar as informações dos alunos/as, o professor pediu-lhes que fizessem um levantamento a respeito dos gastos com a prática – locação de espaços, mensalidades da escolinha, equipamento esportivo, transporte etc. Diante do quadro, o professor perguntou aos alunos/as quais perguntas poderiam ser feitas a fim de contribuir com o debate. Após algumas sugestões, definiram-se as perguntas, o local que cada

aluno/a investigaria e a forma de apresentação dos resultados. O professor explicou de que forma poderiam obter os dados solicitados.

Os resultados, apresentados em cartazes, contribuíram significativamente para a construção do pensamento crítico. Para ilustrar destacamos alguns resultados obtidos:

- O patrão paga metade do aluguel do campo e o resto os funcionários pagam.
- Os convidados não pagam nada.
- O aluguel e a cerveja são divididos pelo número de participantes.
- Alguns sempre esperam uma chance para jogar.
- As mulheres ficam torcendo ou conversando.
- No campinho de terra ninguém paga nada.

Foram levantados dados sobre o preço da locação do campo, do material esportivo necessário para a prática e da mensalidade das escolinhas de futebol. Diante da variedade de custos, foi possível os alunos/as averiguarem as diferenças de preço dos espaços; as dificuldades de alguns que sem algum “patrocínio” não poderiam estar ali participando; e a qual grupo socioeconômico pertence os diversos elementos que compõem este espaço cultural.

O projeto teve continuidade com as vivências práticas propostas pelos demais grupos e com trocas das tarefas determinadas no início. Assim, o professor garantiu a todos/as a possibilidade de analisar aspectos diferenciados da prática. Isso, sem dúvida, contribuiu para o desenvolvimento da “leitura crítica” do soçaite.

Como já era previsto, ao longo das vivências outros problemas ocorreram, tais como: o menosprezo por aqueles/as que não jogavam em acordo com a expectativas de alguns e a valorização exacerbada dos contrários; a formação de equipe desequilibradas entre outros. Estes aspectos abriram possibilidades para o professor proporcionar outras investigações para ajudar os alunos a entenderem e resolverem essas questões.

Em outro momento, o professor passou um trecho do filme “boleiros” em que o protagonista, um ex-jogador de futebol, apresenta dificuldades em lidar com o final da carreira esportiva e o ostracismo que acarreta. Antes de iniciar o filme, o professor entregou um roteiro no qual constava a sinopse do filme e solicitava duas questões para os alunos/as - comparar a estória narrada com a origem do soçaite abordada anteriormente.

- relacionar a presença de ex-atletas nos campos das elites cariocas com os “convidados” do soçaite do bairro e a divisão desequilibrada das equipes nos jogos da aula de Educação Física.

Além do registro escrito, que garante ao professor observar indícios para sua avaliação, esta atividade proporcionou um intenso debate sobre aspectos relacionados a carreira de jogador de futebol e o uso da prática como forma de motivação (para um aluno e uma aluna como manipulação) para pessoas de classe social de pouco poder aquisitivo.

Para fechar o projeto, os alunos e as alunas redigiram um livro de regras do soçaite “da classe” (que mais se aproximou do showbol), isto é, as regras que mais os favoreciam. Um grupo de alunos sugeriu a criação de um gibi, cujo enredo tratava da exclusão da prática por parte daqueles que não podem pagar por ela.

Podemos perceber que alguns conteúdos elencados *a priori* não foram trabalhados, pois, o encaminhamento das aulas não seguiu a direção visualizada inicialmente pelo professor. Este fator reforça a ideia de que a condução do processo não é exclusividade do professor, mas, sim, uma construção dialética. Outro fator importante diz respeito ao tempo de duração do projeto. No seu transcorrer, as atividades propostas servem como avaliação reguladora. Ou seja, no decorrer das intervenções pedagógicas busca-se identificar insuficiências e avanços das atividades propostas visando promover modificações na prática pedagógica sempre que necessário for para intensificar as oportunidades de aprendizagem e os encaminhamentos que virão a seguir. Isto nos indica que o tempo pode esgotar-se ou adiantar-se ao previsto. Tudo dependerá do esgotamento das necessidades e questionamentos da turma em relação à temática e aos objetivos propostos pelo corpo docente.

As propostas apresentadas pelo professor favorecem a ampliação dos saberes dos alunos e das alunas em relação à manifestação abordada. Percebe-se aqui, contrariamente ao que se afirma, que este método não se encerra na permanência e ênfase daquilo que eles já sabem. Pelo contrário, atento às discussões e dificuldades que surgem nas aulas, o professor/a poderá contribuir, mediante a mediação, o enriquecimento do capital cultural dos alunos/as. O que este projeto nos mostra é que a tematização de uma manifestação da cultura corporal possibilita uma ampla gama de ações didáticas para aproximar os alunos, as alunas e os professores da leitura das diferentes realidades de contextos sociais diversos.